

OS TESTEMUNHOS DO SUJEITO VELHO/IDOSO: UMA (POSSÍVEL) CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO

Elivélton Assis Krümmel¹

Resumo: A reflexão acerca da importância dos testemunhos dos sobreviventes para a construção da memória e história do Holocausto – enquanto possibilidades de – aponta para a língua em funcionamento, produzindo sentidos, enquanto prática simbólica que se fundamenta no trabalho social geral, constituído pelo homem e pela história (ORLANDI, 2009). A partir disso, apresentamos alguns recortes de nossa dissertação de mestrado e explicitamos nossa compreensão sobre a noção de memória e seus diferentes funcionamentos, a fim de identificarmos como o sujeito velho/idoso discursiviza e simboliza determinados acontecimentos, via testemunho. É nosso gesto de interpretação (ORLANDI, 2009) que proporciona a compreensão diante do constante transitar entre a história e a memória. Assim, pelo fio do discurso testemunhal, entendemos que o sujeito velho/idoso, o sobrevivente, é capaz de suportar o simbólico, que está em pleno funcionamento.

Palavras-chave: história; memória; sujeito velho/idoso; testemunhos; simbólico.

THE TESTIMONIES OF THE OLD/ELDERLY SUBJECT: AN (POSSIBLE) CONSTRUCTION OF HISTORY AND MEMORY OF HOLOCAUST

Abstract: The reflection about the importance of survivors' testimonials for the construction of Holocaust memory and history - as possibilities - points to the working language, producing meanings as a symbolic practice based on the general social work, constituted by man and history. (ORLANDI, 2009). From this, we present some excerpts from our master's dissertation and explain our understanding about the notion of memory and its different functioning, in order to identify how the old/elderly subject discursivizes and symbolizes certain events, through testimony. It is our gesture of interpretation (ORLANDI, 2009) that provides understanding in the face of constant transit between history and memory. Thus, through the thread of testimonial discourse, we understand that the old / elderly subject, the survivor, is able to support the symbolic, which is fully functioning.

Keywords: history; memory; old/elderly subject; testimonials; symbolic.

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: eliveltonkr@gmail.com. Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9880344561260703>.

Sobre a história e a memória: trajetos pela Análise de Discurso

Retomamos, nesse cotejo necessário em que refletimos sobre os possíveis sentidos estabelecidos diante do(s) trajeto(s) da história e da memória do sujeito velho/idoso, enquanto sobreviventes do Holocausto, que a Análise de Discurso, calcada nos pressupostos de uma teoria materialista do discurso, configura-se enquanto uma disciplina de entremeio, “de análise da produção de discursos, sendo assim, espaço propício para os estudos da historicidade, do sujeito e dos movimentos da memória na produção de sentidos sempre outros” (LACHOVSKI; KRÜMMEL, 2017, p. 403).

Nesse sentido, entendemos a noção de saber histórico, necessária desde já, a partir de Petri (2017, p. 81), como aquilo que proporciona observar determinados “processos de produção de sentidos, em determinados momentos sociais e históricos, que constituam imaginários”. Portanto, um imaginário que estabelece relações de significância com o presente-passado-futuro, que contabiliza apenas uma dentre tantas outras versões de uma mesma história.

O que perseguimos, neste trabalho, está posto diretamente nas relações entre os sujeitos e como isso fornece uma possibilidade de, paulatinamente, construirmos um determinado saber histórico a partir da própria reprodução do que é veiculado pela escrita da história (institucionalizada), o que Catroga (2009) denomina enquanto “convencimento” ou “veracidade” que pode ser construído ao longo do tempo. Por esse viés, o que temos, a partir dos testemunhos de sujeitos sobreviventes do Holocausto, são lembranças, recordações, rememorações (VENTURINI, 2008) que constroem um possível discurso, um possível imaginário sobre a história, a partir da memória.

Esta última, sendo “muito mais que uma colagem, uma montagem, uma reciclagem, uma

junção” (SCHERER; TASCHETTO, 2005, p. 122), o que possibilita estabelecer relações com o que ficou marcado no tempo – na história e na memória – e que muitas vezes aponta para o fato de que:

O passado não é apenas uma memória constituída oficialmente com a qual a classe dominante poderia jogar, a qual ela poderia usar e da qual ela poderia abusar; ele não é também unicamente constituído de fragmentos, de retalhos mais ou menos deslocados, ocultos, esquecidos, que grupos ou indivíduos procuram fazer vir à tona, grupos de vítimas da história que pedem o que lhes é devido sem ser escutados [...] (ROBIN, 2016, p. 215).

O passado é, portanto, uma junção de tudo o que pode ser considerado para a constante reelaboração do que é profícuo no terreno da história e que tem relação com a memória de um determinado acontecimento (pensado enquanto fato histórico e social) que, neste caso, concerne o Holocausto, ocorrido na Segunda Guerra Mundial, durante o Regime Nazista na Alemanha. Ele (o passado), quando contado por incumbência da história, geração após geração, pode sofrer “deformações, transformações, reescrevendo-se ou reelaborando-se na oralidade; ele é também uma força que nos habita e nos estrutura involuntariamente, inconscientemente, o tecido do qual somos feitos” (ROBIN, 2016, p. 215).

Através desses movimentos, podemos observar o Holocausto, não só como o que é institucionalizado pela história, mas também e, sobretudo, pelo seu funcionamento diante da teoria da Análise de Discurso, um gesto que mobiliza as relações de sentido oriundas da movimentação dos discursos (PÊCHEUX, 1997). Para tanto, nosso objeto de análise é um documentário produzido por Steven Spielberg, intitulado “Sobreviventes do Holocausto” (“Survivors of the Holocaust”).

Selecionamos alguns recortes discursivos que proporcionam uma análise baseada na “relação de partes com o todo” (ORLANDI, 1984, p. 14), de

forma que o recorte seja – ainda conforme a autora lança suas reflexões – uma “unidade discursiva” que atesta para a multiplicidade dos sentidos compreendidos entre a história e a memória, através dos testemunhos de sujeitos que sobreviveram ao Holocausto. É por isso que a história, no seu funcionamento na/pela teoria que nos embasa, é constitutiva tanto do sujeito quanto do sentido e, nesse limiar, a noção de historicidade é relacionada com o que está exterior à língua, mas que “passa a significar no discurso” (PETRI, 2017, p. 81).

Movimentos de reflexão: entre a história e a memória

Ressaltamos, no limiar da escritura deste artigo, a importância da história porque ela auxilia nosso entendimento diante do funcionamento do documentário, sobretudo no que concerne às relações estabelecidas pela história e pelo que é veiculado através da memória. O documentário cede espaço para que sejam considerados “o discurso verbal (fala), o não-verbal (gestos, expressões)” (PERIAGO, 2016, p. 24), de forma que possa haver, no processo de produção de sentidos, uma relação necessária e fundamental entre o documentarista, o personagem e o espectador. Faz-se imprescindível esclarecermos, também, que a reflexão baseada na(s) história(s) apresentada(s) nos documentários em geral “pedem” que lancemos nossa interpretação (NICHOLS, 2005, p. 27).

Entendemos, então, que a interpretação atua enquanto um instrumento de compreensão sobre as determinadas formas de organização que, por sua vez, emanam significados e valores que encaminham para a definição do documentário como permanentemente “relativa ou comparativa” (NICHOLS, 2005), que jamais estará compromissada com uma reprodução fiel da realidade.

O que perseguimos, portanto, são os rastros. Um gesto de interpretação cuja possibilidade é tão frágil quanto estes. Conforme Gagnebin (2006, p. 44), ele – o rastro – “inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente” e, por isso, a fragilidade “é o liame entre rastro e memória”, caminhos pelos quais buscamos sentidos e significados. Caminho que tem sua gênese no estabelecimento da política nazista em 1933 na Alemanha, num período em que o Estado passava por inúmeros problemas de ordem política, social e econômica e decorre até o fim de 1945, segundo Gellately (2011), configurando um movimento contraditório impulsionado pela ideologia nazista.

Um gesto de análise: o sujeito velho/ idoso e as relações de sentido entre os objetos simbólicos

Para encaminharmos nossas discussões em relação ao início das medidas tomadas pelo Regime Nazista, propomos um recorte em relação às sequências discursivas analisadas em nossa dissertação de mestrado, como já mencionamos. Organizamos, assim, cada um dos testemunhos tomados neste artigo sob a designação de “SUJEITO VELHO/IDOSO 1”, “SUJEITO VELHO/IDOSO 2” e “SUJEITO VELHO/IDOSO 3”, respectivamente, de acordo com o empreendimento de nossas reflexões. Em cada um deles, localizamos e especificamos a duração de tempo em que podem ser consultados no documentário “Sobreviventes do Holocausto”.

SUJEITO VELHO/IDOSO 1 (00:07:16 – 00:07:35): *“Numa manhã de 9 de novembro de 1938... de repente... saindo da escola, vimos fumaça... e fogo e eles... começaram a quebrar as janelas. Havia muitas lojas judias... tiraram a mercadoria... e começaram a queimar as sinagogas”.*

A partir desta primeira sequência discursiva, compreendemos o constante processo em que há a retomada da memória do acontecimento, ou seja, da memória que tende a absorver o acontecimento para que o sujeito velho/idoso possa discursivizar sobre ele. A partir disso, mobilizamos, inicialmente, as reflexões de Althusser (s. d., p. 31) sobre o Aparelho Ideológico de Estado (AIE) e o Aparelho Repressor de Estado (ARE). O que o testemunho do sujeito velho/idoso concerne é o fato de que a Alemanha, enquanto Estado, funciona como uma “máquina de repressão que permite às classes dominantes [...] assegurar a sua dominação”. Ao passo que o Aparelho Ideológico de Estado reúne em sua conjuntura as instituições cuja incumbência é estabelecer uma “regularização” e o controle das ações do próprio sujeito e, sobretudo, o funcionamento processual de transformação dos indivíduos em sujeitos pela interpelação ideológica, o Aparelho Repressor de estado abarca todas as práticas que extrapolam a própria organização do Aparelho e que, por isso, funcionam em primeira instância pela repressão e secundariamente pela ideologia (ao contrário do ideológico que recobre o caminho inverso).

Quando o Aparelho Ideológico de Estado, nesse caso o jurídico, não cumpre a interpelação ideológica de forma que o sujeito se submeta aos saberes veiculados pela Formação Discursiva Dominante – a do Holocausto –, o Aparelho Repressor de Estado funciona pela violência, principalmente pela violência simbólica, afinal as sinagogas são queimadas e o espaço de celebração da tradição judaica começa a ceder, assim como o sujeito, visto que, neste caso, “a outridade do sobrevivente é vista aí como insuperável” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66), porque o judeu que mantém seus costumes, e estamos tratando da celebração religiosa judaica no interior das sinagogas enquanto espaços coletivos, torna elementar essa ligação pelo fio significante que

é também ideológico em relação ao outro. Que sucumbe. Que sofre. Que está diante do perigo eminente de morte. A repressão que desestagna o curso social aparentemente estável e releva a instabilidade perante o ideológico.

Retomando a asserção de Pêcheux (1999) de que a memória está propensa a absorver o acontecimento, consideradas as relações do passado/presente, percebemos que, mesmo muito tempo após o acontecimento, narrar sobre o início da repressão do Regime nazista é uma forma de resistir. Por isso, falamos em outridade, porque “o próprio grau de violência impediu que o testemunho pudesse ocorrer” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 67) e, assim, por um longo período, não houve espaço para as figuras testemunhais. De acordo com Piralian (2000, p. 21), ao ocorrer uma simbolização do evento, neste caso, relacionado às primeiras ações coercitivas e repressivas que buscavam instaurar o espaço de tensão perante o cumprimento das ordens do dominador, há a “(re) construção de um espaço simbólico de vida”, do que passou a fazer parte da esfera do traumático para o dominado.

Entendemos, de maneira geral, que há uma determinada ordem no discurso, que temos acesso através do testemunho do sujeito velho/idoso e essa materialidade discursiva, assim como aponta Courtine (2016), é distinta da ordem da língua. Essa materialidade discursiva constitui as relações postas entre a língua e a ideologia, porque observamos o funcionamento da memória, considerado um acontecimento particular: o Holocausto. O discursivo, assim, apresenta, ou melhor, representa no interior da língua os efeitos das contradições ideológicas, no cerne de uma memória que possibilita, pelo viés do testemunho, a existência do que foi recalcado, silenciado e interdito até que pudesse ser contado e o testemunho do sujeito velho/idoso em relação ao acontecimento e as próprias condições histórias

– consideradas as condições de produção desse discurso – determinam a sua produção, como um fio significante que possibilita observar o funcionamento de uma versão da história, pelo funcionamento da memória, que tende a absorver o acontecimento vivido.

Os próximos recortes fornecem subsídios para que possamos compreender as relações do sujeito velho/idoso com o objeto que simboliza, instaurando por meio da memória os efeitos de sentido que depreendem do seu discurso e que, de certa forma, são ressignificados em nosso gesto de interpretação. São, pois, essas relações entre o sujeito e o objeto simbólico que determinam a forma pela qual há a representação. Nesse caso, conforme reflete Orlandi (2017), os sentidos e o sujeito constituem-se juntos, significando, por meio do discurso. Pensamos nisso com relação ao que escreve Foucault ([1969] 2008, p. 51), para afirmarmos que as relações discursivas, no interior do discurso, “oferecem-lhe objetos de que ele pode falar”, e, por isso, determinam as relações que o discurso põe em funcionamento, para falar sobre determinados objetos, que, como veremos adiante, correspondem a um objeto simbólico específico, no caso, o Torah² e, por conseguinte, possibilitam ao sujeito, ainda de acordo com Foucault ([1969] 2008, p. 51), “abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los [...]”.

O que percebemos é que desde o início da instauração do Regime Nazista tanto o Aparelho Ideológico de Estado (AIE) quanto o Aparelho Repressor de Estado (ARE) produzem ou moldam sujeitos “úteis e obedientes à vontade do poder” (SILVA, 2004, p. 178), principalmente mediante o ataque aos objetos ou espaços que, de uma forma ou outra, significam na/pela memória do sujeito, considerada também a sua constituição e sua

posição-sujeito de judeu. A ideologia que funciona, também, refletindo sentidos sobre o objeto; sentidos estes que não podem ser senão entendidos pela constituição do indivíduo enquanto sujeito que discursiviza sobre o objeto.

SUJEITO VELHO/IDOSO 2 (00:08:03 – 00:08:09): “*Num canto estavam os rolos queimados do Torah. Estavam jogados no chão*”.

O que o testemunho do sujeito velho/idoso transporta é a lembrança de uma imagem vista, carregada de sentidos, ideologicamente impostos. Os rolos queimados do Torah estavam jogados ao chão, num canto, porque estavam e precisavam estar à margem. O papel, que pela palavra escrita carrega um processo de significação religiosamente construído e celebrado, acomete-se à equidade do seu compositor: o homem. Sujeito e palavra estão, simbolicamente, jogados ao abismo da interdição e do esquecimento.

Encaminhamo-nos, então, para as questões que tangem a imagem (a imagem dos rolos queimados do Torah, jogando no chão, cuja significância é atribuída pelo sujeito/velho idoso e sobre a qual lançamos o nosso gesto de interpretação), para pensarmos, a partir de Davallon (1999) e Pêcheux (1999) que – segundo este último –, há uma espécie de “negociação” entre um “acontecimento histórico singular” e o “dispositivo complexo de uma memória”, que entram em embate. Isso poderia levar, ao que Pêcheux (1999) explica:

[...] colocar em jogo a nível crucial uma passagem do *visível* ao *nomeado*, na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como recitação de um mito (PÊCHEUX, 1999, p. 51).

Por isso, o testemunho do sujeito velho/idoso, diante da imagem do sagrado materializado

2 O Torah, também conhecido como Pentateuco, de acordo com as tradições religiosas judias, é o livro sagrado, revelado diretamente por Deus. É composto pelos livros bíblicos: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

e marginalizado, não carrega apenas a aparente singularidade, tanto do discurso quanto da memória, mas o que pelas relações de paráfrase revelam como se inscrevem o sujeito e o sentido (na memória). Nesse ponto, concordamos com o que escreve Fernandes (2018, p. 37), quando a autora discute que, dadas as condições de produção, no nosso caso, aquelas que levaram ao que mais tarde ficou conhecido como o Holocausto, o sujeito “[...] está inscrito em um processo de significação de exclusão social”, porque o objeto – o Torah – carrega sentidos que criam um espaço de exclusão pela interdição ao sagrado.

Transportam os sujeitos que partilham dessa ideologia – a judia – para um lugar de exclusão, materializado num espaço representado como “uma imagem transformada em ameaça” (FOUCAULT, [1973] 2002, p. 123). Por isso, compreendemos que o lugar comum da comunidade judaica, na Alemanha, começa a ser interditado, mediante a ameaça aos objetos que simbolizam, de alguma forma, a ideologia religiosa. A partir do imaginário ao qual temos acesso, diante do testemunho do sujeito velho/idoso, podemos afirmar que, ao atribuir sentidos ao objeto, o sujeito instaura também uma memória que se torna coletiva, porque há, efetivamente, outros sujeitos que se sentem interpelados por essa mesma ideologia e que colocam em funcionamento, enquanto sujeitos de seu discurso, determinadas formas de repetição que criam um efeito de regularização (SCHERER, 2008) e que, por fim, condicionam as relações de poder e o jogo de forças sobre os quais o dominador e o dominado são colocados em embate.

Assim, são delimitados domínios e fronteiras simbólicas, visto que, ao mobilizarmos nosso gesto de interpretação sobre o testemunho do sujeito velho/idoso, notamos as possíveis marcas deixadas na memória sobre esse acontecimento e que estão ligadas ao objeto em questão, ressignificadas pelo sujeito no movimento entre o presente e o passado,

que produz efeitos de sentido, afinal, “a rigor os povos e grupos só podem se esquecer do presente, não do passado” (YERUSHALMI, 2017, p. 15). Podemos inferir que o sujeito, ao simbolizar as suas relações com o objeto, mobiliza uma rede de memórias sobre o Holocausto, a partir do seu testemunho particular, como parte de uma memória coletiva que, no seu funcionamento, emana sentidos e significados sobre o acontecimento, de forma que não possa haver uma memória individual do Holocausto, porque ela é construída na/pela coletividade, ainda que produza efeitos de sentido muito particulares ao sujeito.

Ademais, as relações sobre as quais refletimos reforçam a ideia de que a Formação Discursiva Religiosa que atravessa o dizer do sujeito, neste testemunho, representa, pois, a interdição, visto que os judeus mantêm seus costumes e, como estando tratando das celebrações religiosas no interior das sinagogas – enquanto espaços coletivos – traz à baila essa ligação, pelo fio significante, que é também ideológico e está relacionado, portanto, ao outro. Representa, por isso, esse lugar de interdição. Não se trata apenas do ato de queimar os rolos do Torah, porque é próprio do funcionamento do discurso do sujeito as falhas... as faltas... assim como também ocorre com o funcionamento da memória. Entretanto, somente após o distanciamento em relação ao acontecimento ocorrido, o sujeito velho/idoso inscreve em seu discurso sentidos que podem ser sempre outros.

Os efeitos de sentido podem ser particulares ao sujeito, ainda que façam parte de uma memória que é coletiva, porque a Análise de Discurso permite-nos ver o sentido como o “possível”, ou seja, o “não-preenchido” (ORLANDI, 2008, p. 14), cujas relações entre o imaginário e o simbólico fazem-nos, pouco a pouco, desestabilizar os sentidos de uma memória que está estabilizada pelo discurso histórico. Efeitos que não implicam, portanto, nem no único nem no verdadeiro.

Ao mobilizarmos o arquivo fílmico, diante das reflexões já empreendidas, compreendemos que há diferenças entre a memória discursiva³ e o arquivo do qual dispomos. Nossas primeiras análises impulsionam o entendimento de que o arquivo, no caso o documentário sobre os “Sobreviventes do Holocausto”, corresponde a uma determinada memória que está institucionalizada e cria efeitos de estabilização ou fechamento. Ao contrário da memória discursiva, esse arquivo pode ser caracterizado a partir de seu efeito de completude, porque a memória desse acontecimento fornece múltiplos caminhos de produção de sentidos. Calcamos esse olhar sobre o arquivo e a memória através de nosso gesto de interpretação, como se implicasse na desestabilização dos sentidos e numa possibilidade de reordenamento do próprio arquivo, baseado nos testemunhos do sujeito velho/idoso sobre as representações de suas relações com os objetos simbólicos, considerada a conjuntura do acontecimento.

Agora, concentrando-nos no recorte disposto a seguir, recorreremos às reflexões propostas por Halbwachs (1990, p. 51), para refletirmos sobre as relações entre memória individual/memória coletiva, a partir da forma com que o sujeito velho/idoso simboliza suas relações com o objeto. Segundo o autor, a memória coletiva exerce sua força porque é fundamentada no fato de ter sido suporte para um conjunto de homens, que se lembram e partilham dela em grupo. Assim, as lembranças apoiam-se umas sobre as outras dependendo da forma com que a subjetividade estabelece pontos de vista em relação ao que é da memória coletiva, que pode mudar, em função do lugar que o sujeito

3 Entendemos isso a partir de nossa compreensão de que a constituição do sujeito ocorre “na língua e na história”, sendo “afetada pela memória discursiva” (PETRI; SCHERER, 2016, p. 25). Além disso, é a memória discursiva que fornece “a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 52), porque é complexa e, sobretudo, ainda de acordo com Pêcheux (1999, p. 52) “talvez a categoria analítica que mais contribua para os estudos sobre a constituição do sujeito”, por problematizar as relações entre o passado, o presente e o futuro.

ocupa, porque “explica-se sempre pelas mudanças que elas produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto (HALBWACHS, 1990, p. 51).

A partir do que escreve, em consonância com o testemunho do sujeito velho/idoso apresentado nestes recortes, podemos inferir que o sujeito, ao simbolizar as suas relações com o objeto, mobiliza uma rede de memórias sobre o Holocausto, a partir do seu testemunho particular, como parte de uma memória coletiva que, no seu funcionamento, emana sentidos e significados sobre o acontecimento, de forma que não possa haver uma memória individual do Holocausto, porque ela é construída na/pela coletividade, ainda que produza efeitos de sentido muito particulares ao sujeito.

As câmaras de gás, enquanto lugar de morte, na ordem do simbólico, delimitam determinados domínios e fronteiras (FERNANDES, 2018) que, quando mobilizados por meio do testemunho do sujeito velho/idoso, revelam possíveis marcas deixadas na memória sobre o acontecimento e que são ressignificadas pelo sujeito nesse movimento entre o presente e o passado. Nos recortes podemos observar como o testemunho do sujeito velho/idoso evidencia as formas pelas quais os prisioneiros eram mandados para as câmaras de gás. Nesse caso, a descrição que o sujeito realiza do lugar (da câmara de gás) causa uma desestabilização dos sentidos atribuídos, por coletividade, ao objeto. Explicamo-nos: as câmaras de gás, simbolizadas como o lugar de morte, não implicam, assim como o campo de concentração, em lugar da certeza sobre a morte. A Formação Discursiva Religiosa que atravessa o dizer do sujeito, neste testemunho, representa, pois, a possibilidade de vida diante da morte, como se, por um “milagre”, o sujeito pudesse salvar-se diante da sua condenação.

O próprio funcionamento sujeito às falhas... Como o discurso, a memória... Porque a Análise de Discurso, permite-nos ver o sentido como o “possível”, ou seja, o “não-preenchido” (ORLANDI, 2008, p. 14), cujas relações entre o imaginário e o simbólico fazem-nos, pouco a pouco, desestabilizar os sentidos de uma memória que está estabilizada pelo discurso histórico. Efeitos que não implicam, portanto, nem no único nem no verdadeiro. Observemos o recorte para darmos sequência às discussões:

SUJEITO VELHO/IDOSO 3 (00:33:25 – 00:34:01): *“Então durante 10, 15 minutos... você os ouvia berrando. Depois de 10, 15 minutos... eles abriram as portas de novo e disseram: ‘Acabou’. Ninguém saiu. Então, você vê... todas as pessoas fortes... por cima... e todos os fracos embaixo. Os fortes em cima. Ele disse: ‘Tinham os estômagos cheios de ar ou outra coisa’. Você vê gente que arranhou as paredes... porque queriam passar por cima dos outros. A última luta mortal. A luta contra a morte”.*

Determinamos, a partir de nossas análises, que as estruturas de sentido apreendidas em cada um dos testemunhos do sujeito velho/idoso são, na verdade, ao mesmo tempo, disputas de interpretação e de sentidos. A contradição social, observada no funcionamento dos campos de concentração, manifesta-se também subjetivamente, nas posições-sujeito que observamos. Ademais, a representação que fizemos, a partir dos preceitos da Análise de Discurso sobre o documentário, busca explicitar determinados efeitos e significações, sobretudo porque é um gesto de leitura em relação a outro gesto de leitura, aquele de quem compôs o documentário, enquanto arquivo fílmico.

Conforme refletimos, pela narração – pelo ato mesmo de testemunhar –, o próprio gesto interpretativo, pelo viés histórico, auxilia no processo de produção de sentidos, ou seja, há um movimento coletivo de resistência. Há uma necessidade de discursivizar para que todos saibam,

o dizer, o narrar, o explicitar é um imperativo ao sujeito que viveu tais práticas sociais. É preciso ouvir e deixar serem ouvidas essas vozes que, insistentemente, foram jogadas ao esquecimento, mas que permanecem, por meio de sua memória, concretizadas no discurso, significando. Os múltiplos sentidos, advindos do desprendimento das várias maneiras pelas quais o objeto pode ser analisado: por isso é uma versão.

Nessa mobilização do gesto interpretativo sobre o testemunho do sujeito velho/idoso, mais especificamente nos recortes que elencamos, cumpre a tarefa de evidenciar que, em meio à sucumbência dos sujeitos diante do que lhes domina, as câmaras de gás, como o espaço da morte dentro dos campos de concentração, consistem num paradoxal processo de resistência, pois não é dado apenas do dominado em relação ao dominador, como já dissemos anteriormente, mas do dominado em relação ao outro dominado, o que constitui a “última luta mortal” ou a “luta contra a morte”. Podemos afirmar, assim, que o sujeito velho/idoso, ao evocar essa representação e simbolizar a câmara de gás enquanto esse lugar do embate final – até do sujeito consigo mesmo –, demarca algo que destacamos aqui: ao lembrar, o sujeito, de certa forma, reatualiza sentidos do passado a partir da memória que tem daquilo que se passou, como daquilo que está relacionado ao tempo presente.

Recaímos na tríade passado-presente-futuro, porque a projeção realizada sobre a memória do acontecimento faz o sujeito velho/idoso buscar formas de significação do lugar no passado que são ressignificadas no tempo presente, visto que, como o próprio testemunho aponta, muitos nem sabiam que estavam sendo mandados para câmaras de gás. O testemunho do sujeito velho/idoso demonstra como a ideologia trabalha: há tomadas de posição-sujeito, do dominador e do dominado, que sucumbem ao que é dominante e

evocam o instinto mais primitivo de sobrevivência, mas elas são sempre mais ou menos conscientes e, nesse caso, ignorar a realidade poderia ser o modo menos trágico/doloroso de submissão à ideologia dominante. O que ocorre e que é veiculado pela memória do sujeito velho/idoso é que estamos diante de um massacre psicológico, por isso os dominados não conseguem instaurar uma resistência em relação ao dominador. Eles não são mais providos das suas necessidades. Eles não têm uns aos outros.

Por fim, a análise desses recortes permite nosso avançar nas reflexões diante da importância do testemunho dentro do documentário. De um lado, através de nosso gesto de interpretação, podemos compreender as formas pelas quais o sujeito relaciona-se com o objeto simbólico, mas, de outro, podemos observar que a forma de composição e apresentação do documentário consegue “aprisionar” o espectador – pois ocupamos também essa posição – de forma que, mesmo momentaneamente, haja uma adesão ao audiovisual e em relação aos processos que já foram mencionados.

Esse “aprisionamento” é, pois, a forma fundante da análise, porque permite conhecer para depois reconhecer. Assim, quando descompomos o documentário numa sequência de recortes, esse movimento é que dita as possibilidades de produção de efeitos de sentido e como se definem as relações ou, ainda, como se configuram os trajetos de leitura. Além disso, por “aprisionar”, consegue estabelecer um dado trajeto de leitura, “cujo sítio de significação” (ORLANDI, 2009) impede que sejam atribuídos quaisquer significados, o que não impede, no entanto, que possamos compreender um

determinado significado que, nesse caso, é possível.

Para um efeito de fechamento: breves considerações sobre o nosso percurso de leitura e interpretação

O que abordamos, brevemente, neste artigo, aponta para o fato de a memória ser esburacada na sua própria constituição. Essa busca por uma origem – no caso a origem do sofrimento a partir do insuportável – faz com que haja uma ânsia constante de procurar um lugar de origem, uma causa primeira do nosso lembrar, um tempo fundado na e pela memória discursiva. Assim, pela forma de representação simbólica com a qual o sujeito velho/idoso se relaciona com o seu passado, cria-se, no documentário, um lugar de memória. Um lugar de procura. Um lugar de interpretação. Um lugar de errância de sentidos, notados no próprio testemunho desses sujeitos.

A partir das reflexões de Courtine (2006) sobre os lugares de memória, Venturini (2009, p. 66) afirma que “[...] o lugar de memória ocorre pela inscrição do lugar na ordem do simbólico e faz retornar enunciados já-ditos, significados, mas esquecidos”. Em decorrência disso, considerando o que foi postulado por Nora (1993), a autora ainda completa: “Não fosse assim, os lugares seriam apenas lugares de história [...] e funcionariam como arquivo, que guarda documentos”, pois a memória, guardada enquanto um arquivo, perde seu status de recordação, “[...] que mantém um elo vivo de continuidade e de pertença do sujeito”. Essa discussão eleva nossa própria potencialidade em pesarmos no objeto de pesquisa, não somente em relação aos recortes que servem para as análises, mas também da importância em compreender

como o documentário funciona, considerada a Análise de Discurso.

O passado, portanto, mistura-se com o presente e cria espaços de significância no discurso da testemunha. É isso que observamos nos recortes dispostos mais acima. Não há somente a violência física, a violência simbólica exerce sua força, atemporalmente, sobre o sujeito velho/idoso que está na condição de testemunha e que comporta, no seu dizer, o peso de tudo que lhe é traumático. A partir das relações do sujeito velho/idoso sobre os objetos simbólicos, observamos que o testemunho é, na verdade, a maior ferramenta de resistência de que dispõem.

Os testemunhos apontam para o insuperável. A fuga transposta à impossibilidade e simboliza a resistência como algo feito do dominado em relação ao dominador, nesse viés, negar a cultura, a religião e a liberdade está imbricado na negação da sobrevivência, porque o que está em evidência é a dependência de uma para com a outra, como se todas fizessem parte de um conjunto uníssono do qual todas as partes implicam numa concretude posta em ameaça.

Cumprido observar, finalmente, que é próprio do analista de discurso estabelecer valores e, assumindo esse lugar, ser ético nas suas escolhas, porque o objeto simbólico, seja na sua singularidade ou na sua coletividade, em sua estrutura simbólica apresenta um “furo” que possibilita a subjetividade, a interpretação. Nosso olhar sobre o objeto é dado ao nível imaginário, simbólico e real e, ao isolarmos determinadas sequência de recortes, ao descompormos esse conjunto significativo que é o documentário, podemos entender como ele funciona e como produz determinados efeitos de sentido. O olhar, diante da materialidade, produz efeitos de sentido. Do que está, como explicitamos ao longo deste trabalho, entre a história e a memória e que significa porque há o testemunhal. Porque há

o testemunho do sujeito velho/idoso, na condição de sobrevivente, cujos dizeres continuamos recuperando e sobre os quais lançamos nosso gesto de interpretação.

Por fim, precisamos considerar, também, que o trauma garante que o testemunho jamais contenha tudo o que ocorreu em relação ao fato e, assim, o testemunho existe apenas sobre as ruínas de sua própria impossibilidade. Uma versão sobre a história, uma versão sobre a memória, a possibilidade de imaginário sobre a qual chegamos, porque “para o sobrevivente sempre restará esse estranhamento do mundo advindo do fato de ele ter morado como que ‘do outro lado’ do campo simbólico” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69).

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. 3. ed. Lisboa: Presença.

CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo*. Memória e fim do fim da história. Coimbra: Almedina, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. *Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise de Discurso*. Tradução: Flávia Clemente de Souza - Universidade Federal Fluminense e Márcio Lázaro Almeida da Silva - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Policromias, jun/2016.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre [et al]. *Papel da Memória*. Tradução e Introdução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, [1983] 1999, p. 23-37.

FERNANDES, Andressa B. *Espaço e sujeito: uma análise discursiva do documentário O cárcere e a rua*. 2018. 152 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018.

- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969] 2008.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Machado e Eduardo Morais. Rio de Janeiro: NAU, [1973] 2002.
- GAGNEBIN, Jeanne M. *Lembrar Esquecer Escrever*. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler – Consentimento e coerção na Alemanha Nazista*. Tradução de Vitor Paolozzi. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2. ed. São Paulo, SP: Edições Vértice – Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- LACHOVSKI, Marilda Aparecida; KRÜMMEL, Elivélton Assis. Luzia Cambará no espaço urbano: sujeito e sentidos em (des)construção na/pela memória. *Letras em Revista*, [S.l.], v. 8, n. 01, fev. 2018. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/39>>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo, SP: 1993, p. 7-28.
- ORLANDI, Eni P. *Segmentar ou recortar? Série Estudos*, nº 10. Faculdades Integradas de Uberaba (Linguística: Questões e Controvérsias), p. 9-26, 1984.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- _____. *Eu, Tu, Ele – Discurso e real da história*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- _____. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso – Uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- _____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *O papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PERIAGO, Francisco R. *A análise discursiva no documentário Ônibus 174*. 2016. 232 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2016.
- PETRI, Verli. O passado (também) dura muito tempo ou (re)invenções de um tempo. *Interfaces*. Vol. 8, p. 80-90. 2017.
- _____; SCHERER, Amanda E. Memória e subjetividade: de um tempo para lembrar. *Revista Desenredo*. V. 12, n. 1, p. 21-29. Jan./jun. 2016.
- PIRALIAN, Hélène. *Genocídio y transmisión*. Tradução de Horácio Pons, México/Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2000.
- ROBIN, Régine. *A memória saturada*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UNICAMP. 2016.
- SCHERER, Amanda Eloína; TASCETTO, Tania Regina. O papel da memória ou a memória do papel de Pêcheux para os Estudos Linguístico-Discursivos. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, n. 1, p. 119-123, junho/2005.
- _____. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008.
- _____. *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo: UPF Editora, v. 01, 280 p. 2009.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. V. 20, n. 1, p. 65-82. Rio de Janeiro, RJ. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>>. Acesso em: 3 maio 2018.

SILVA, Francisco Paulo da. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Org.) *M. Foucault e os domínios da linguagem: Discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 179.

VENTURINI, Maria Cleci. *Rememoração/Comemoração: prática discursiva de constituição de um imaginário urbano*. 2008. 335 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008.

_____. **Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Usos do esquecimento: conferências proferidas no colóquio de Royaumont*. Tradução de Eduardo Alves Rodrigues e Renata Chrystina Bianchi de Barros. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

Documentário Consultado

Survivors of the Holocaust (Sobreviventes do Holocausto). Direção de Allan Holzman. Produção de Steven Spielberg, June Beallor, James Moll e Jacoba Atlas. Estados Unidos, 1996. 70 min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2ysCr-MoXhI&t=8s>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Submissão: 30 de novembro de 2019.

Aceito: 17 de dezembro de 2019.